Ọlọ́run

Ọ̀ṣun* recebeu o *ẹ́ẹ̀rìndínlógún* de *Ọbàtálá
Por Luiz L. Marins

***Àkúdàáyà*: o morto-vivo na crença iorubá.**
Por Luiz L. Marins

***Olódùmarè* e a morte**
Por E. Bolayi Idowu

O Batuque no nosso sentimento religioso.
Por Jorge Feijo Cotta

Novembro

ISSN 2358-3320



Nossa Capa

Créditos

"Incognitus"
Photo by Cornelius Loruenser
Model: Chris Pastor.

Nesta edição número 44, a Revista Olórun traz:

Bàbálórìsà ÒSUNKOLADE OLÁYIWOLÀ OLOSUN, de *Òsogbo*, esclarece que *Òsun* recebeu o *éérìndínlógún* de *Obàtálá*.

Os babalaôs Ifáiyemí Elebuíbon de Òsogbo, e Awoyemí Aworeni de *Ifé*, falam de *Àkúdààyà*, o morto-vivo.

Bolaji Idowu fala de *Olódùmaré* e o conceito da morte entre os Iorubas

Jorge Feijó descreve alguns costumes e tradições do Batuque do R.S.

Boa Leitura.

ÍNDICE

ÒSUN* RECEBEU O *ÉÉRÌNDÍNLÓGÚN* DE *OBÀTÁLÁ

Transcrição da video: *ÒSUN RECEIVED THE ÉÉRÍNDÍNLÓGÚN FROM OBÀTÁLÁ*

Transcrição e adaptação de:

Luiz L. Marins - www.luizlmarins.com.br

Outubro de 2016

Este vídeo é um extrato de outro vídeo entrevista oferecido por ÒSUNKOLADE OLÁYIWOLÀ OLOSUN, *bàbálórìsà* do templo principal de *Òsun* e do PALÁCIO do *ATÁÓJA*, *Òsogbo*, Estado de *Òsun*, Nigéria, à Dra. Paula Gomes, Embaixadora Cultural do *Aláàfin Òyó,* em outubro de 2016.

O *bàbálórìsà* claramente afirma que *Òsun* recebeu o *éérìndínlógún*, de *Obàtálá* .... Esta afirmação de um sacerdote tradicional do templo de *Òsun* em *Òsogbo* contesta claramente a afirmação que os babalaôs têm falado na diáspora, que *Òrúnmìlà* quem teria dado o *éérìndínlógún* a *Òsun*.

PALAVRAS CHAVES: religiões africanas, Oxum, Iorubas.

TRANSCRIÇÃO

Minuto 00:00

PAULA GOMES: Boa Tarde.

ÒSUNKOLADE: Boa Tarde.

PAULA GOMES: Muito obrigado pela oportunidade desta entrevista. Gostaria que se apresentasse, por favor.

ÒSUNKOLADE: Meu nome é *bàbálórìsà* Òsunkolade Oláyiwolà Olosun.

PAULA GOMES: Poderia dizer, por favor, de onde você é?

ÒSUNKOLADE: Sou do templo de *Òsun* do Palácio do *Atáója*, em *Òsogbo*, Estado de Òsun, Nigéria.

Minuto 01:02

PAULA GOMES: Poderia, por favor, falar um pouco mais sobre você?

ÒSUNKOLADE: Sou *bàbálórìsà* de *Òsun* no templo de *Òsogbo*, e minha mãe é a atual sacerdotisa principal de *Òsun*, no templo de *Òsun*, em *Òsogbo*.

Minuto 01:57

PAULA GOMES: Qual oráculo *Òsun* usa?

ÒSUNKOLADE: *Òsun* utiliza o *éérìndínlógún*, os dezesseis búzios, que é o principal para atender as pessoas, e também usa o *obì*, a noz de cola.

Minuto 02:45

PAULA GOMES: Este poder do *éérìndínlógún* que *Òsun* usa, como ela o obteve?

ÒSUNKOLADE: O Poder ela obteve de *Olódùmaré* (leia-se Olôdumare); e *Obàtálá* foi quem deu os cauris para ela usar.

Minuto 04:00

PAULA GOMES: Deixe eu fazer uma pergunta: *Obàtálá* é o primeiro *Òrìsà* que *Olódùmarè* criou, e o mais velho (*Òsunkolade* interrompe) ...

ÒSUNKOLADE: Ele é o mais velho e o líder de todos (os *òrìsà*) e quando *Olódùmarè* os mandou para a Terra, ele foi o líder.

Minuto 04:41

PAULA GOMES: Apenas uma última questão. *Òsun* recebeu o poder diretamente de ... [*Òsunkolade* interrompe e responde: ... de *Olódùmarè*, diretamente de *Olódùmarè*], mas porque *Obàtálá* é o mais velho de todos eles, ela recebe o *éérìndínlógun* de [*Òsunkolade* interrompe novamente e responde: ... de *Obàtálá*], mas o poder ela recebe de [*Òsunkolade* interrompe novamente e responde: ... de *Olódùmarè*].

ÒSUNKOLADE: Porque *Olódùmarè* deu Poder a todos os *Òrìsà; Obàtálá, Sàngó, Òsun, Òrúnmìlà,* e todos eles. O Poderes foram dados diretamente por *Olódùmarè* [...neste ponto *Òsunkolade* enrola a língua e não é possível compreender...] deu a todos eles tem um Poder.

Minuto 05:45

PAULA GOMES: Sendo *Obàtálá* o mais velho, ele é respeitado por todo o país Ioruba como o mais velho?

ÒSUNKOLADE: É claro. Na Cultura Ioruba respeitamos sempre os mais velhos. Ele é respeitado como o mais velho entre todos eles. Ele é conhecido como *Bàbá Ugbó*, porque ele é o mais antigo *Òrìsà*.

PAULA GOMES: Então, foi *Olódùmarè* quem deu o *éérìndínlógún* para *Obàtálá* [Òsunkolade interrompendo: ... *Obàtálá*, que o deu à *Òsun*, no começo.]

Minuto 07:17

PAULA GOMES: *Òsunkolade*, até hoje em *Òsogbo* vossa família é conhecida e muito respeitada, e estou muito feliz por vê-los seguir o legado de vosso

pai, e muito feliz por ver *Adigo Olósun*, vosso irmão velho, por manter muito bem a posição e a tradição de vosso pai. *Òsunkolade*, muito obrigado!

ÒSUNKOLADE: Muito obrigado!

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES:

No livro *Sixteen Cowries*, William Bascom já informava que, nos anos cinquenta, época da coleta do material, na página dezoito, que os sacerdotes de *Òsun* contestavam que ela *Òsun* teria recebido o *éérìndínlógún* de *Òrúnmìlà* como afirmam os babalaôs, sacerdotes de Òrúnmìlà.

Entretanto, este dado, pequeno em número de linhas, mas enorme no conceito e contexto teológico, ficou totalmente desapercebido sem nenhum

interesse dos pesquisadores acadêmicos. Não conseguimos entender o motivo do descaso dos pesquisadores a uma informação tão importante. Talvez seja um reflexo do próprio desinteresse de Bascom pelo tema, que claramente parecia muito mais interessado no Ifa.

Porém, atento que estávamos a este dado de Bascom, já vínhamos publicando-o nas redes sociais, na intenção de chamar a atenção para esta informação, como segue:

WILLIAM BASCOM SAYS THAT SOME PRIESTS OF OSUN DENY THAT SHE RECEIVED THE *ÉÉRÌNDÍNLÓGÚN* OF *ÒRÚNMILÁ*.

"..*Òsun* has learned *ééríndínlógún* from *Òrúnmilá* while she was living with him; although, some *Òsun* priests deny this .. " William Bascom, Sixteen cowries, p. 18.

WILLIAM BASCOM DIZ QUE ALGUNS SACERDOTES DE *ÒSUN* NEGAM QUE ELA RECEBEU O *ÉÉRÌNDÍNLÓGÚN* DE *ÒRÚNMÌLÀ*.

"..*Òsun* aprendeu o *éérìndínlógún* de *Orúnmìlà* enquanto ela vivia com ele; entretanto, alguns sacerdotes de *Òsun* negam isto.." William Bascom, *Sixteen Cowries*, p. 18.

WILLIAM BASCOM DIJE QUE UNOS SACERDOTES DE OSUN NO CREEN QUE ELLA HA RECEBIDO EL *ÉÉRÌNDÍNLÓGÚN* COM *ÒRÚNMÌLÀ*.

"..Òsun aprendio *éérìndínlógún* cuando viviera junto a el, pero, unos sacerdotes de Òsun no creen en esto.." William Bascom, *Sixteen Cowries*, p. 18.

Após a publicação deste vídeo entrevista aqui transcrito, no qual os sacerdotes de *Òsun* em *Òsogbo* confirmam que *Òsun* recebeu os búzios de *Obàtálá*, e não de *Òrúnmìlà*, como divulgam os babalaôs nas redes sociais, nos livros, e nos artigos acadêmicos, vimos confirmada a afirmação de Bascom, e se estabelece um conflito teológico.

Acreditamos que os babalaôs são pessoas honestas e que fazem tal informação imbuídos na boa fé e no bom caráter, entretanto, suas informações e conceitos com relação ao *éérìndínlógún* foram claramente contestados, como vimos.

O que nos cabe refletir é que:

- Temos várias religiões tradicionais “dentro” da religião tradicional Ioruba.

- A informação que o *éérindinlogun* é mais velho e mais antigo que o *Ifá*, considerando-se as falas do *Aláàfin Òyó*, do *Oba Aladó*, e do templo de *Òsun* em *Òsogbo*.

- Na Iorubalândia, o *Ifá* não tem nenhum poder sobre o culto dos *Òrìsà* de família, nem sobre seu oráculo, o *éérindinlogun*, embora também os pratiquem.

LINK PARA O VÍDEO NO YOUTUBE, CANAL DE ÀSÀ ÒRÌSÀ ALÁÀFIN ÒYÓ:
https://www.youtube.com/watch?v=RQOcTQQ8y30


Òsun received the éérìndínlógún from Obàtálá
“Òsun received
the éérìndínlógún
from Obàtálá.”
Bàbálórìsà Òsunkoladé Oláyiwolà Olósun
Òsogbo, Atáója Palace.
00:00


APAE
DE SÃO PAULO

ÀKÚDÀÁYÀ: O MORTO-VIVO NA CRENÇA IORUBÁ.

Luiz L. Marins www.luizlmarins.com.br

Fevereiro de 2012

RESUMO

Este texto transcreve as entrevistas dos babalaôs Ifáiyemí Elebuíbon, de Òsogbo, e Awoyemí Aworeni, Arabá de Ifé, fornecidas ao Jornal Nigerian Compass, publicadas em 23 de Maio de 2009, que tratam da crença iorubá de *Àkúdàáyà*, o morto-vivo, que se acredita ter morrido antes do tempo determinado, de que forma o falecido, não volta ao mundo espiritual imediatamente, mas continua a viver aqui neste mundo, em outro lugar que ninguém o conheça, com a aparência normal de um vivo.

Palavras-chave: religiões africanas, religião iorubá, iorubás.

INTRODUÇÃO

Os iorubás acreditam que o ser humano antes de nascer no mundo físico (*ayé*), adquire no mundo espiritual (*ọ̀run*), especificamente na casa *Àjàlá*, também chamado de *Àjàlámọ̀pín*, o oleiro de *Olódùmarè* (Deus), um destino pronto chamado *orí* ou *odù* ou *ìpín* (daí o seu nome), que estabelece a data de sua volta, após cumprir um determinado tempo de vida no mundo físico.[1]

Entretanto, segundo a crença ioruba, se por qualquer motivo alguém morra antes do tempo previsto, esta pessoa pode tornar-se um *àkúdàáyà* (acúdaáia), um fantasma, um morto-vivo, até que complete seu tempo determinado, embora isto não seja uma regra, vivendo uma vida normal em

[1] Para saber mais, visite: www.luizlmarins.com.br

outra região, longe de onde morreu, agindo como se fosse uma pessoa viva. O conceito de *àkúdàáyà* está ligado à Noção de Pessoa e à forma como os iorubas acreditam na vida após a morte.

No Dicionário de Ioruba Moderno (Abraham, 1962, p. 46) consta: "*fantasma de um morto, que aparece em outros lugares além de sua própria cidade*".

O jornal Nigerian Compass [2] edição n. 393, na data de 23 de Maio de 2009, publicou importante matéria sobre o tema, com o título:

BIZARRE ... BUT TRUE (BIZARRO … MAS VERDADEIRO)

---

[2] Acessado em 25/02/2012. Disponível em: http://www.nigeriancompass.com/index.php

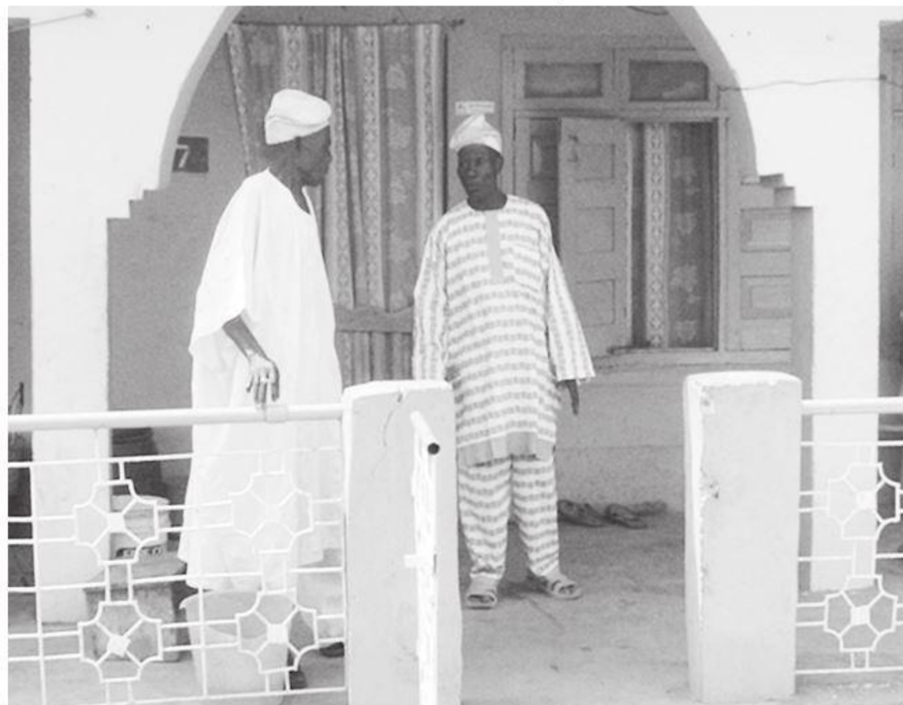
O artigo descreve casos de *àkúdàáyà*, e entrevista dois renomados babalaôs para esclarecer o tema: o (hoje) Arabá Ifáyemí Elebuíbon [3], na época era babalaô da cidade de Òsogbo; e Awoyemí Aworemi, que já era Arabá de *Ilè Ifè* (*Ilé Ifé*).

Não é nosso objetivo transcrever a matéria completa que narra os casos citados pelo jornal, mas apenas registrar as entrevistas com os babalaôs Ifayemí de Osogbo, e Aworeni, que comentam o tema.

As palavras em ioruba serão transcritas tal qual grafadas na publicação original, sem nenhuma correção. As notas de rodapé serão todas nossas, pois o jornal não ofereceu nenhuma.

---

[3] Site do Araba Elebuíbon: http://www.arabaelebuibon.com/



ENTREVISTA COM O BABALAÔ IFAYEMI ELEBUÍBON



Os Iorubá acreditam na concepção de *akudaaya*?

Sim, acreditam. *Akudaaya* são aqueles que morreram sem completar seu tempo de vida, e que vão para outros lugares, para completá-lo.

Existe algum lugar específico onde os *akudaaya* se reúnem e habitam?

Não, não há nenhum lugar específico. Eles apenas podem ser encontrados, mais em um certo local, do que em outro, particularmente um mercado. A única certeza é que eles vivem no nosso meio. Alguém que morreu em Osogbo pode reaparecer em Ibadan ou Lagos, um lugar que ninguém saiba de sua existência anterior, e ali continua vivendo. Isto é o que acontece, não que haja uma cidade ou vilarejo particular para eles. Mas eles não podem ser

reconhecidos ou identificados com os olhos normais. Somente aqueles que os conheceram em vida é que podem reconhecê-los e dizer que a aparência daquela pessoa é como *Lagbaja*[4].

Então, este ser deverá ter a aparência de alguém que já morreu?

Sim e não. Muitas vezes ele tem esta aparência, mas por que ele está morto, será difícil para os parentes e conhecidos aceitarem o fato de que eles estão vendo alguém que tenha atualmente morrido. Mas quando este ser percebe que alguém que o conhece está próximo, ele pode trocar sua forma, ou desaparecer totalmente.

[4] "Fulano de tal" ... Expressão que substitui o nome de alguém.

Eu tive uma experiência quando ainda era muito jovem. Meu pai também foi um babalaô de *Ifá*, e o que ele mais fez em sua vida foi reviver pessoas, principalmente em partos difíceis. A história é esta:

> "Um certo dia nós estávamos trabalhando no funeral de outro babalaô. Havia muita comida e bebida. De repente, um homem com roupa de *etù*[5], após lhe ser oferecido uma cabaça com vinho de palma, caiu [morto].
>
> Imediatamente ele foi transportado ao quintal para ser socorrido pelos seus amigos. Mas isto tornou-se um desafio para seus companheiros

[5] Galinha da guiné ou galinha d'angola. "*Etù aso òkè* é um tipo de padrão textil, artesanal e tradicional, tecido em tiras longas e estreitas chamadas de *aso òkè*. Quando tingido várias vezes de índigo, que lhe confere uma cor característica de um azul profundo e quase preto, são chamados de *etù* propositadamente [...]" (Barretti Filho, 2010, p. 105, n. 58).

babalaôs que tentavam reanimá-lo. Depois que eles tentaram tudo que sabiam, chamaram meu pai.

Ele perguntou-lhes se tinham feito tudo o que sabiam, e o que é que tinham feito. Após ele ter certeza que tinha feito tudo, mas falharam para reviver o homem-morto, meu pai tentou, e como de costume, eu estava com ele. Ele começou a cantar um *ofo*[6], alto, para meu benefício, é claro, pois ele fazia isso para eu ouvir. Eu ouvi. Ele cantou, cantou, cantou sobre os pés e a coroa do homem. Num certo momento, ele cantou:

"Ojimokunde ti 'lekun"
"Aja ki won mo lhein ekun pa"
"Ojimokunde ti 'lekun"

---

[6] *Ofọ̀* - Palavras sagradas de encantamento.

"Ojimokunde fecha a porta"
" Um cão nunca ataca o filhote do tigre"
"Ojimokunde fecha a porta"

Subitamente, o morto começou a contorcer-se como uma cobra, suando muito e profusamente. Meu pai ordenou que o homem fosse abanado. Após um pouco, ele voltou à vida. E meu pai perguntou a ele: "Dokun, por que você fez isto? Você sabe que interrompeu o funeral de Ajala?"

O homem respondeu a meu pai que ele foi[7], mas que ele ouviu seu nome quando foi chamado, somente ele não podia responder.

Ele disse que quando ele foi, ele viu sua casa. Ele sentou-se do lado de fora e esperou que a porta fosse aberta para ele pudesse entrar. Enquanto

[7] Isto é, saiu do corpo.

> ele esperava, ele viu um homem alto com cachorro enorme. Este homem perguntava a ele por que ele não respondeu quando ouviu seu nome ser chamado. Ele disse ao homem alto que ele ouviu seu nome ser chamado, mas que não podia responder, e apenas estava esperando a porta de sua casa ser aberta, para que ele pudesse entrar.
>
> O homem bateu-lhe nos ombros com um abano e ordenou-lhe que respondesse para aqueles que o estavam chamando. E foi esta ação que o enviou de volta e ele acordou. Assim ele narrou esta experiência ao meu pai."

Porém, o *akudaaya* é diferente deste caso, pois ele não volta para a vida imediatamente. Ele morre, e é enterrado, ressurgindo em outro lugar, para continuar sua jornada sobre a Terra e completar seu tempo.

Este tipo de seres realmente existe, porém, eles não podem ser identificados e reconhecidos pelos olhos humanos. Há notícias que alguns deles vão para outras terras, se casam, e posteriormente enviam sua mulher e seus filhos para casa. Mas eles encontram uma desculpa para não os acompanhar diretamente, mas dão-lhes orientação sobre direção de sua casa de origem, e como pode ser localizada.

Há um acontecimento que foi registrado por Ifá e que pode estar relacionado com isto. Este acontecimento pôs fim à prática de levar o morto para *Igbo Ifeyinti* (floresta de retiro ou descanso):

Ide-Ogunda (Idi-Ogunda, Odi-Ogunda
Uma mulher é chamada Eleru por *Ifá*

Antigamente, a terra não era cavada para enterrar os mortos. Antes, o morto era levado para a floresta onde sua costa deveria ser colocada

encostada em uma árvore, e suas coisas seriam colocadas ali, futuramente, para ele.

É por isto que eles chamam a morte de *Ifehinti*[8], que significa "descansar as costas de alguém contra alguma coisa". Por isso, eles nunca chamavam de morte, mas de descanso ou retiro.

Erelu, que era mulher de Orunmila foi chamada por um homem para um romance. Após recusar por um tempo, mas com a constante pressão por parte desse homem, ela consentiu ter um romance com ele, mas antes ela arquitetou um plano para enganar seu marido.

[8] *Ìfe̱hintì* – suporte, apoio. (CMS, 1991, p. 108)

Ela fingiu estar doente e que tomava todos os remédios. Após um tempo, fingiu ter morrido. Assim, levaram-na para a floresta dos mortos. Entre aqueles que a levaram para a floresta, estava seu amante *Ajinibase*. Ambos fugiram para outra cidade conhecida como *Iwoye*.

Ajinibase, após a morte de seu pai, que era um rei, veio a ser o monarca de *Iwoye*. E foi assim que *Erelu* vir a ser *Olori* (rainha). Mas, sendo uma comerciante, *Erelu* vendia seus artigos (quiabo, pimenta e outros produtos) na frente do palácio. As pessoas que vinham de Ile Ife e que viram *Erelu*, diziam para Orunmila que viram sua mulher em Iwoye.

Até que um certo dia, um homem suspeitou que ela era mulher de Orunmila, olhou para ela durante muito tempo, encarando-a. Isto aborreceu *Erelu*, que retrucou, cantando:

"Bo o okra, o okra"
"Bo o ba gbe ni, o gbeni",
"Ewo la bo ro teju moni ka maa si ju?"

"Se é quiabo que você, pegue"
"Se você quer algo mais, é problema seu"
"Por que olha para a vendedora sem piscar?"

Após observá-la por algum tempo, o boato começou a chegar até Orunmila, de que sua mulher, *Erelu* foi vista em vários lugares fora da cidade. Quando muitas pessoas começaram a falar que viram sua mulher em *Iwoye*, ele foi consultar seu oráculo para verificar.

Ifá confirmou que realmente a mulher não havia morrido, e que agora ela estava residindo em *Iwoye*. O oráculo orientou-o sobre o que ele deveria

> fazer para tê-la de volta. Ele seguiu as orientações de *Ifá*, e conseguiu trazê-la de volta a Ile Ife, e o monarca de *Iwoye* caiu em desgraça. Foi assim que os mortos deixaram de ser levados para *Igbo Ifehinti*, mas começaram a ser enterradas."

Atualmente, aqueles que são enterrados na terra, mas cujos dias [de vida] ainda não foram cumpridos, podem transladar-se para outros lugares para completar seu tempo de vida. Se alguém morre antes do tempo, seja por maldade ou feitiçaria, ele ou ela irá para outras terras, para continuar a viver ali. Assim, o morto poderá fazer o que ele não pode fazer em vida. É por isto que eles são chamados *akudaaya*: alguém que morreu, se transformou e foi viver em outro lugar.

Sobre aqueles que dizem ter ido para outro lugar, terem casado, tiveram filhos e que sustentavam a família. Como será seu destino agora?

Aqueles que não saem imediatamente, poderão ser descobertos. Eles deverão ir e levantar-se em outro lugar.

Você tem experiência pessoal com algum deles que retornaram com filhos?

As pessoas dizem isto aconteceu, aqui em Osogbo, em Oyo, e assim por diante. Um tio meu contou-me [sobre o caso] de Oyo:

“O nome [de um certo] homem era Abu. Ele estava no vindo do Norte quando ele teve um acidente e morreu. Mas ele voltou. Entretanto, em vez de voltar para a cidade de Oyo, ele retornou para a fazenda. As pessoas que ouviram falar de sua morte, fugiam dele. Algumas confrontavam-no dizendo a ele que ouviram que ele havia morrido, mas ele dizia que não, que apenas trocara de forma.

Porém, haviam pessoas que o viram morrer, que estavam no mesmo veículo, e viram o seu corpo [morto]. Eles também o confrontavam dizendo que o viram morrer, mas ele insistia que em afirmar não havia morrido. Todos fugiram do vilarejo e ele foi o único que ficou. Apesar disso, ele não deixou o lugar.

Todos aqueles que sabiam de sua morte, não o aceitavam. Seu caso foi complicou-se por causa daqueles que viram-no morrer e viram seu corpo

[ser enterrado], apesar dele ter retornado no terceiro dia após o acidente quem morreu. Assim, ele foi o único que ficou na colônia e permaneceu ali até o resto de sua vida."

Outro caso aconteceu aqui em Osogbo:

"Havia um homem Adepoju, de Akolodo, que morreu aqui em Osogbo. Mas em Sagamu, onde ele materializou-se, ele era um *alagbaro* (trabalhador rural). Ali ele encontrou uma mulher que era *alabaru* (comerciante viajante). Ele cortejou-a e ela aceitou. Então eles começaram a viver juntos.

Mas, de acordo com a mulher, todo ano quando o festival de Osun Osogbo se aproximava, ela pedia a ele para deixá-la assistir, assim ela teria a oportunidade de conhecer seu povo, mas ele recusava. Como era uma

tradição anual, um ano ele concordou em trazer ela e os filhos para Osogbo.

Mas, ao chegar em Osogbo naquele fatídico dia, ele a orientou a perguntar pelo campo de Lakinsokun e esperar por ele, pois ele queria informar que sua família veio. A mulher, sem suspeitar, com concordou com a orientação do marido, e saiu apressadamente para seu destino.

Ao chegar no lugar onde seu marido pediu que ela fosse, ela tomou o choque da sua vida. Ela disse às pessoas, que seu marido havia dito-lhe que se apresentasse como a mulher de Adepoju. Os anciões da família, após reunirem-se, revelaram a ela que Adepoju havia morrido anos antes. Então eles mostraram para ela a sua sepultura, mas assim que eles viram as crianças, eles acreditaram na mulher. Ela voltou para Sagamu para encontrar seu marido, mas nunca mais o viu."

Isto, definitivamente, é o que os iorubás chamam de *akudaaya*. A única é que estas pessoas não voltam para suas raízes, nem para o lugar onde viviam antes. São como a cobra que lança fora sua pele. Podemos segurar a casca da sua pele, mas não a cobra, pois ela viverá em outro lugar. Assim são estes seres humanos.

Todos os nossos esforços, espirituais ou não, são justamente para assegurar que não morreremos antes do tempo, e que viveremos todo o tempo destinado, e que não morreremos antes deste tempo chegar. Quando alguém morre antes do tempo, esse alguém vem a ser um *akudaaya*, um errante, que gastará seu tempo restante em outro lugar.

Por que muitas pessoas acreditam que estes espíritos vivem em Ile Ife?

É por causa da crença que, quando alguém morre, a grande estrada para o além é m Ile Ife. Antigamente, quando alguém foi para o caminho dos seus ancestrais, ele tinha ido para Ile Ife. Isto é por causa da crença que vida começou em Ile Ife. É de onde viemos e para onde retornaremos. Esta é a crença dos Iorubá.

Existe uma idade certa na crença Iorubá quando o ciclo de vida pode ser dito que está no fim, como alguns acreditam ser aos setenta anos?

Não, não existe tempo ou idade certa, mas os Ioruba acreditam que um indivíduo deve crescer e envelhecer antes de morrer.

ENTREVISTA COM O ARABA DE ILE-IFE AWOYEMI AWORENI



Awoyemi Aworeni é o Araba Onisese Agbaye (Sacerdote Mundial de Ifá) e o segundo somente para o Ooni de Ife, na hierarquia dos chefes em Ile-Ife, o berço dos Iorubás. O Araba é o chefe do culto de Awo. Na sua residência em

Ile-Ife, onde ele é altamente reverenciado e respeitado, ele falou com Kayode Falade e Yemisi Adeniran sobre a questão *akudaaya*.

Quando você assumiu o título de Araba?

Estou nesta prática há mais de quarenta anos. Mas eu assumi a posição de Araba em 05 de Maio de 1991.

Qual é a crença Iorubá sobre *akudaaya*?

Não são todos que morrem que vem a ser *akudaaya.* Quando alguém morre antes do tempo, eles são normalmente vistos aqui ou ali, andando erradamente. Às vezes, eles também reencarnam, mas principalmente eles vão para outros lugares diferentes de onde eles habitaram, para continuar

suas vidas. São aqueles que os Iorubá referem-se como *akuda* ou *akudaaya*. Sempre que são descobertos, mudam-se para outros lugares.

Como eles podem ser identificados?

Pessoas que nunca souberam que eles morreram são as que normalmente conversam com eles. O *akudaaya* até mesmo envia estas pessoas para a casa de seus parentes. Eles sempre aparecem na forma que tinham antes de morrer.

Mas algumas pessoas dizem que muitas vezes eles usam outras formas, antes de se apresentar aos seus conhecidos, na forma que era vivo?

Não. Eles nunca se mostram a ninguém que os conheceu antes [de morrer]. Eles podem aparecer para aqueles que sabem que ele morreu, mas em sonhos, nunca fisicamente.

Estas pessoas vivem uma vida normal, tem filhos, no lugar para onde eles mudam?

Sim, eles vivem. Alguns casam-se e tem filhos. De fato, eles fazem todas as coisas que uma pessoa normal faz, e este é o motivo de ser tão difícil reconhecê-los. Houve casos de pessoas que morreram, mudaram para outro

lugar, teve filhos e levou as crianças para suas cidades de origem apenas para apontar a [antiga] casa para eles, disfarçadamente, mas recusou-se a chegar, para não ser visto novamente.

Existe algum lugar onde eles normalmente se reúnem, como Ajiran ou Ilu Awon Oku?

Não, não existe lugar exclusivo para eles.
Ajiran é assim chamado porque antigamente o mercado era realizado à noite, não que fantasmas ou *akudaaya* vivessem ali. Existe ainda um outro parecido com esse aqui em Ile-Ife. É chamado Oja Ejigbomekun. Nos dias de outrora, o mercado era realizado na calada da noite. Ele começava em torno de 22:00 hs.e alcançar a sua plenitude em torno de 01,00 hs. O lugar é lá (apontando para fora), onde a estátua do Chefe Obafemi Awolowo está montada.

Mas agora, por cauda da civilização ocidental, ele não é feito mais a noite. Toda a área foi arborizada com a árvore Odan [*Ficus, Moraceas*], mas todas foram derrubadas.

Há um lugar especial reservado para eles, ou qualquer lugar que se vá pode-se encontrar um parente morto suspeito de ter se tornado um *akudaaya*?

Não, não há. Eu te disse, você não pode. Mesmo se você o encontrar, você nunca pode reconhecer ele ou ela. É possível que ele ou ela esteja lá, mas você não iria reconhecê-los, mesmo quando você se os encontre, a menos que se empregue poderes sobrenaturais que vão fazer você ver seres sobrenaturais. Mas, novamente, que é muito perigoso quando se começa a ver muitas coisas sem poder contar a ninguém. Na verdade, não se deve

dizer. É um sacrilégio. Qualquer tentativa de fazer pode transformá-lo em um deles.

É por isso que babalaôs não procuram esse tipo de poderes (*wi we oju*) a abertura do terceiro olho. Quem faz isto pode ver qualquer tipo de coisa ou existência. Quando você entrou aqui, pode ter pisado em alguns deles, mas eles não se ofendem, pois sabem que você não tem o terceiro olho para vê-los. Mas se você os viu, e ainda assim pisa nele, pode ser seu último ato.

Em resumo, não se pode vê-los mesmo em lugares como Ajiran e outros?

Eu disse que eles não podem ser vistos. Que nunca *Olodumare* permita você vê-los, porque se o fizer, as consequências seriam desastrosas.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO:



ABRAHAM, R. C. *Dictionary of Modern Yoruba*, London, Hodder and Stoughthon, 1962 [1946].

BARRETTI FILHO, Aulo. *Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu,* São Paulo, EDUSP Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

CMS. *A Dictionary of the Yorùbá Language,* Ibadan University Press, Ibadan, Nigéria, 1991 [1913].

OLÓDÙMARÈ E A MORTE

Título original: *Olódùmarè and Man's Final Destiny*

E. Bolayi Idowu

Publicado como capítulo 14 do livro "*Olódùmarè, God in Yorùbá Belief*", A&B Books Publishers, Brooklim, New York, 1994 [1962].

Tradução: Luiz L. Marins
www.luizlmarins.com.br

Outubro de 2016

INTRODUÇÃO

Os Iorubas reconhecem que o fim da vida aqui nesta terra como de séria importância. Este fim, é claro, envolve a questão do que será o homem após a presente vida. Toda religião tem que encarar esta questão escatológica e, aqui novamente, a resposta depende da concepção do homem sobre Deus.

A MORTE

A morte é uma questão perturbadora e desconcertante que envolve muitas coisas. O homem tem sido forçado, entretanto, desde que com ela familiarizou-se, a raciocinar sobre sua origem e seu propósito. Sobre isso, os Iorubas como parte da humanidade, não são exceção e, de acordo com as

evidencias à nossas pesquisas, verificamos que ela é um assunto que eles pensam carinhosamente.

O nome para ela é *Ikú*, que além de ser uma designação para "morrer", é também o nome para um poder personificado, o agente que os Iorubas acreditam ser o responsável, com a autorização de *Olódùmarè*, matar e retirar as pessoas deste mundo. Perguntar sobre quando ele começou a agir na vida dos homens é um assunto que eles dão pouca importância, embora tenham mostrado alguma curiosidade sobre isso.

Existe a concepção inicial que *Ikú* começou a matar somente quando ele foi fortemente ofendido, quando sua mãe foi morta no mercado de *Ejìbò-Mekùn*, conforme registra o *odù ò̲yè̲kù-méjì*:

Nwon pa ìyàá ikú

S'ójà Ejìgbò-Mekùn

Ikú gbó n'lé,

Ikú han bi àgon Il'óyé

Ikú han bi eyin arawo

O f'akèrekère se késé

O f'erè se bàtà

O f'oká s'òjàá

Ikú ta orí ìgbàá

Igbàá gbìrì'à n'lè

Ikú ta orí ègungun

Ègungun gbìrì'à n'lè

A mãe de *Ikú* foi morta

No mercado de *Ejìgbò-Mekùn*.

Ikú ficou sabendo disso na sua casa

Ikú guinchou como o (pássaro) *àgon*[9] de *Il'óyè*

Ikú fez voltas como os ovos de *arawo*[10].

Ele fez dos escorpiões, suas esporas.

Ele fez da jiboia, seu sapato.

Ele fez da cobra, seu cinto.

Ikú caiu sobre a árvore *ìgbàá*[11]

Ìgbàá se curvou ao chão.

---

9 *Àgon* é um símbolo da origem de um culto secreto ioruba. Seu caráter não é para ser conhecido por ninguém, passando a ideia de uma força sobrenatural não humana. (p. 187)

10 *Arawo* é um pássaro carnívoro. (p. 187)

11 Nota do tradutor. Possivelmente trata-se de *Parkia Biglobosa,* sem nome em português. *Ewé,* Pierre Verger, pg. 704.

Ikú caiu sobre a árvore *ègungun*[12]

Ègungun se curvou ao chão.[13]

Dizem que *Ikú* começou a matar porque sua mãe foi morta! Não há melhores explicações na crença tradicional ioruba sobre a origem da morte. A crença comum é que *Ikú* é uma criação de *Olódùmarè*: ele foi criado com o propósito específico de chamar de volta todas as pessoas cujo tempo na terra está completo. Por isso, ele é conhecido como *òjisé òrun* (aquele que executa uma tarefa). Eles pensam que o momento final da morte é como se fosse um débito que todos precisam pagar. O mesmo que dizer que a morte é inevitável e o último passo de toda pessoa que vem para este mundo.

[12] Nota do tradutor. Possivelmente refere-se à árvore *Èègun, Ceiba Petranda*. Nomes em português: Mafumeira, Poilão, Polão, Sumaumeira. *Ewé,* Pierre Verger, pg. 543. Não confundir com *Eégun* ou *Egúngún*, espírito mascarado dos ancestrais.

[13] Nota do tradutor. Traduzimos a partir do inglês. O autor não cita a fonte do mito.

A crença ioruba é que a morte existe para os idosos e toda pessoa deveria viver até a terceira idade. Assim, quando um jovem morre, eles consideram que isto é uma tragédia e celebram de manhã. Porém, a morte de um idoso é uma ocasião para alegrias porque a pessoa foi chamada e seus filhos estão vivos para enterrá-lo.

Por causa da crença que a morte é feita para chamar primeiro os idosos, os Iorubas dizem: *"Ikú kì'pa ni, ayò l'o npa ni"* (*Ikú* não mata, é o excesso que mata). Isto, é claro, refere-se a uma pessoa que teve uma morte prematura ou violenta por cauda de suas ações descontroladas, que é diferente de uma morte chamada normal ou natural: o chamado da casa.

Apesar da morte ser inevitável, os Iorubas acreditam na crença que ela pode ser adiada através da intervenção de *Òrúnmìlà*, ou de qualquer outra divindade. Um mito narra que:

> "O segredo de Ikú não era conhecido, mas *Èsù*, astuciosamente, subornou o filho de *Ikú,* que contou que a maneira como *Ikú* matava violentamente, era com um porrete, sendo esta a fonte do seu poder sobre os homens, e que, se fosse tirado dele, ele ficaria sem poderes.
>
> O próximo passo de *Èsù* foi subornar *Ajàpã*, a tartaruga, para ajudá-lo. *Ajàpã*, numa única e inteligente ação tomou o porrete de *Ikú*. Pela primeira vez, *Ikú* ficou sem poderes como foi falado, e todos alegraram-se, cantando:

Ajàpã gb'òrúkú l'o̱wó̱ ikú
Aiye Ifè̱ d'ò̱fe

Ajàpã tirou o porrete das mãos de *Ikú*,
Ifè̱ está livre da aflição.[14]

Posteriormente, entretanto, *Ikú* fez um pacto com *Ò̱rúnmìlà*, com a condição que ele o ajudasse a recuperar seu porrete, e que ele respeitaria a intervenção de *Ò̱rúnmìlà,* sempre que uma de suas vítimas se colocasse sob sua proteção. O mito conclui dizendo que, daí em diante, *Ikú* levaria somente aqueles que não se colocassem sob a

[14] *Ifè̱* representa o centro do mundo ioruba (pg. 188)

proteção de *Òrúnmìlà*, e aqueles que já tiverem chegado a hora de voltar (para o *òrun*).[15] "

No fundo, entretanto o Ioruba sabe que pouco pode ser feito para adiar a morte quando chegou o momento. Por isso, o ditado: *Àrùn l'a'wo, a kì'wo Ikú* "Uma doença pode ser curada, mas a morte não pode ser curada". Isto é, alguém pode tratar uma doença com remédios, mas não fazer isso com a morte. Um verso do *odù Iròsùn-Osó* começa com estas três linhas:

Àìdé Ikú l'á nb'òsun
Àìdé Ikú là nb'Òòsà
B'Ikú bá dé, Ikú 'ò gb'ebo

15 O mito é mais para enfatizar a importância e poder de *Òrúnmilà*, do que para explicar a morte (pg. 188).

Quando não é a hora de *Ikú*, eles oferendam *Òsun*

Quando não é a hora de *Ikú*, eles oferendam *Òrìsà*

Mas quando chega a hora de *Ikú*, ele não aceita oferendas

Outro verso de de *Iwòrì-Òsã* diz:

Ikú ìbã gb'owó,

Owó l'à bã san.

Òjĩsé òrun kì'gb'owo.

Se *Ikú* aceitasse suborno

O suborno nós pagaríamos,

Mas *Òjĩsé òrun* não aceita suborno.

Assim, a crença dos Iorubas é que, mais cedo ou mais tarde, todos devem morrer. A morte é uma passagem inevitável para a existência terrestre do homem.

DEPOIS DA MORTE

O que vem a ser o homem depois da morte? Esta é a questão que tem procurando todas as religiões através dos tempos. "Após a morte, o que? ". É o enigma que encara a própria vida. E toda religião, cada uma da sua forma, e de acordo com sua concepção sobre a constituição essencial da vida, encontrou uma resposta.

A morte não é fim da vida. É somente a maneira pela qual a presente existência terrestre é trocada por outra. Após a morte, entretanto, o homem passa para a vida no além "*Ehìn-Ìwà*" (Vida-Depois – vida no além).

Ehìn-Ìwà, é uma força vital mais importante do que a da vida presente, não importando o quanto próspero tenha sido (a pessoa). Por isso, os iorubas dizem: *Èhìn-Ìwà ti's'ègbõ òní* - a "vida no além" é muito superior que a vida atual. Seja o que for que fizermos nesta, devemos faze-lo pensando na vida futura: *Nitorí Èhìn-Ìwà l'a se òní l'õre* (É por conta da "vida no além" que fazemos o bem no dia de hoje).

Na "vida no além", aqueles que terminam (seu tempo) continuarão vivendo. Esta crença é demonstrada de muitas formas:

A) Ansiedade ou medo da antecipação:

O ioruba idoso olha para frente com ansiedade ou medo da antecipação do que pode estar esperando-o na nova vida, onde ele receberá de acordo com seus atos. É comum ouvir um idoso dizer: *Mo nre'lé* - "Eu estou indo para casa", ou *Ilé ti yá* – "Eu estou pronto para (voltar para) casa", significando que eles estão preparados para morrer e entrar na "vida após a morte". Às vezes ouvimos um idoso falando dos amigos e parentes que já foram. Quando perguntados, dizem: "aqueles que estão do outro lado".

B) Enterros e ritos funerários:

Há variações em detalhes de um lugar para o outro, mas a finalidade e a rotina são os mesmos. Os ritos, da forma como são feitos, deixam claro que

os vivos acreditam fortemente que os que morreram estão somente fazendo uma viagem, tendo como objeto final, a outra vida.

Assim que a pessoa morre, o primeiro rito é sacrificar uma galinha, que é chamada *Adìe-ìrànò* – o pagamento da galinha. Esta é um meio de "abrir o caminho" para ele. Quando o cadáver é colocado no caixão, um inhame pilado é preparado e colocado aos seus pés: isto é uma comida para o morto. Durante o velório, filhos e parentes se reúnem em volta, cada um trazendo panos, aves e animais. O corpo é envolto com os panos para que o morto os utilize na próxima vida.

Quando o corpo é baixado no túmulo, seus parentes aproximam-se e o louvam lembrando seu cargo familiar, trazendo animais para sacrifício, normalmente um bode ou cabra, oferecendo-os através de um oficiante,

pedindo ao morto para que aceite, pedindo que ele não durma no *ọ̀run*, mas que olhe por todos os seus filhos e familiares, provendo suas necessidades e ajudando em suas dificuldades. Outras pessoas amigas que não são parentes, também enviam presentes para agradecer e lembrar as coisas que, em benefício de todos, ele fez antes.

O oficiante agora realiza os ritos de sacrifícios, partindo nozes de cola e colocando as oferendas alimentares ao lado do corpo, dentro do túmulo. Este rito é conhecido como *Bíbá òkùú ya'hùn* – Fazendo um acordo com o morto.

Entretanto, a parte essencial é o momento de dizer adeus ao morto, comunicando-lhe que agora não está mais em sua antiga forma terrena, lembrando seu dever de proteger e cuidar de seus filhos, parentes e amigos; que ele não deve molestar a ninguém, nem permitir que alguém o empregue

para fazer trabalhos errados; que ele agora está indo para ter uma vida feliz no céu, e não deve participar de nenhuma coisa indigna.

Alguns dias após o enterro, há outro rito conhecido como *Fífa eégún òkùú wo'le* – Trazer o espirito do morto para dentro da casa. Com isto, acredita-se, os familiares serão estão habilitados a interagir com o morto. O rito é feito à noite, sem luzes artificiais. Um pequeno templo é feito em um dos cantos da parede centra da casa, que vem a ser o ponto de encontro entre o morto e seus filhos, que passarão a fazer-lhe oferendas, conversar com ele, pedir favores, entrar em acordo ou fazer um juramento sobre os ossos representativos. É claro que, além deste lugar, os iorubas acreditam, de uma forma geral, que eles podem conversar com o morto em qualquer lugar, assim como ele pode estar em qualquer lugar que ele quiser, pois agora está livre das limitações impostas pela vida física.

C) Sonhos e aparições:

Os Iorubas acreditam que os mortos podem ser vistos em sonhos ou transes, e que eles podem transmitir informações ou explicações, dar instruções sobre os problemas sérios da família. Eles podem também enviar mensagens através de outras pessoas ou através de certos cultos dos seus costumes. Nas estradas e nos lugares solitários, ou durante a noite, acredita-se que os mortos podem aparecer para a pessoa, ou para dar orientações, ou para molesta-la. Uma endecha Ioruba que podemos citar como ilustração é a seguinte:

O di gbére!
O d'árìnnàkò!
O d'oju àlà á!

Esta é uma longa despedida!
Agora é um assunto para nos encontrarmos na estrada!
Agora é um assunto para os sonhos!

É claro que existem aqueles que afirmam que o pensamento dos mortos continua a viver na vida após a morte, e que eles não têm nada mais para fazer com aqueles que ainda estão aqui. Esta visão fica explicita nos ditados que dizem:

Enit'o kú kò w'èhin mó
Enit'o kú ti re Òkè-Odò: o fi f'ówo ro igi ìgbàgbé

O morto não pensa nas coisas que ele deixou para trás.

O morto passou para o outro lado do rio: ele colocou sua mão na árvore do esquecimento.

Esta visão ganha adeptos especialmente quando as coisas não vão bem para os que estão vivos e os ancestrais parecem estar surdos para suas orações. Mas, está muito longe de ser uma visão geralmente aceita, ou ter alguém que concorde com seus autores.

D) Comunhão com os ancestrais:

Veremos agora o real significado do fenômeno chamado "Culto Ancestral", e o motivo da absoluta convicção de que aqueles que partiram deste mundo apenas trocaram sua vida por outra.

Como consequência de terem passado desta vida para outra, os mortos foram libertados de todas as restrições impostas neste mundo. Assim, eles agora são detentores de ilimitadas potencialidades que eles podem utilizar para o benefício ou malefício daqueles que ainda vivem na Terra. Por este motivo, é necessário mantê-los em estado de apaziguamento.

Mas isto é somente incidental. Primariamente, culto ancestral é algo que se estende ao infinito para todas as famílias do mundo. Aqueles que morrem não permanecem no túmulo. Seus corpos se decomporão, de fato, mas eles permanecerão com seus "eus" essenciais à parte dos corpos terrestres. De fato, os Iorubas acreditam que o morto permanece ao lado do corpo e assisti todos os ritos funerários. Eles não deixam a casa e seus locais usuais durante alguns dias após o enterro, até que sejam feitos alguns ritos essenciais.

Isto é devido à crença que o morto não está realmente no túmulo, pois os Ioruba não possuem a doutrina da "ressurreição do corpo", isto é, não acreditam no conceito escatológico que os mortos se levantarão dos túmulos no "final dos tempos".

Para o Ioruba, o que acontece imediatamente após a morte é que, após as realizações dos rituais necessários, os mortos passam pelo portão espiritual entrando no reino dos ancestrais, para receberem o julgamento devido. Assim, os mortos nunca ficam nos túmulos. Eles continuam sendo os pais e as mães que sempre foram antes de sua morte, capazes de exercerem suas funções parentais, embora agora mais poderosos e desembaraçados, sobre seus descendentes.

Os Iorubas costumam dizer: *Bàbá mi* (meu pai), ou *Ìyá mi* (minha mãe), quando eles falam sobre seus pais falecidos. Ainda, quando o espírito do morto está dentro da casa, eles não dizem: "estou indo falar com o espírito do meu pai"; eles dizem: "estou indo falar com meu pai. Assim, o espírito do morto continua tendo o mesmo tratamento que ele tinha quando era o chefe da família, na Terra.

Isto mostra que o "Culto dos Ancestrais" é uma nomenclatura errada, pois de fato não há "culto", mas a manifestação de um inquebrável relacionamento familiar entre os pais que partiram deste mundo, e seus descendentes que continuam ainda aqui. Um verso do *odù ogbè'rosùn* diz que uma pessoa deve cumprir seus deveres de filho para com os pais falecidos, de forma que possa ter muitos filhos para olhar por eles.

E) *Egúngún e Orò*

Estes dois cultos são meios de demonstrar de forma mais concreta a crença que aqueles que partiram desta terra continuem a existir em algum lugar e estão ativamente "em contato" com aqueles que ainda estão aqui.

Egúngún designa o espírito do morto com o qual se relaciona no templo dos ancestrais. Materializa-se dentro de uma rústica roupa especialmente paramentada para dar a impressão que o morto está fazendo uma aparição temporária na terra. Esta aparição pode ser de um ancestral específico. Se for este o caso, o rito de "criar" o *egúngún* é realizado no décimo quarto dia após o enterro, e após isto, sua aparição será feita periodicamente, uma vez ao ano, pelo menos.

Egúngún simboliza justamente a ampla concepção geral de vida após a morte, com os quais aqueles que ainda estão na terra mantém uma íntima e ativa ligação; neste sentido, o *egúngún* é um *ará-ọ̀run* (um ser do mundo espiritual). Para preservar a ilusão que o *Egúngún* é um *ará-ọ̀run*, o personagem é completamente coberto com um paramento, mas que não esconde suas principais características físicas. Ele pode ver apenas através de uma grossa rede trançada e fala com rouca. Ninguém, exceto poucos autorizados, podem chegar perto, ou toca-los.

Orò também representa os ancestrais, entretanto, seu símbolo é generalizado. A característica que o distingue de *Egúngún* é sua voz que é uma bramadeira[16] que se usa em locais abertos, à noite, geralmente no

---

[16] Nota do tradutor. Um instrumento sagrado chamado *Isẹ́-Orò* amarrado por uma corda, que ao ser agitado no ar produz um som similar ao "mugido" - ver imagens.

mato. Há poucos locais onde *Orò* se materializa como mascarados, nestes casos, a mulheres são retiradas quando *Orò* se aproxima.

Os Iorubas enfatizam a concepção que ambos, *Egúngún* e *Orò* são comuns. Em apoio a isto há uma história, entre outras, que diz que:

> "*Egúngún* e *Orò* foram amigos íntimos, sendo *Orò* o mais velho. Eles eram lavradores, e suas mulheres eram encarregadas de venderem os produtos da fazenda no mercado. Mas, enquanto a mulher de *Egúngún* era habilidosa e econômica e comprava panos para seu marido, a mulher de *Orò* era gastona, comprando comidas e bugigangas.
>
> Um dia *Egúngún* resolveu sair, colocou seus panos, e chamou *Orò* para ir com ele, mas não tinha panos para *Orò* colocar. Então *Orò* percebeu a

falha da sua mulher. Por causa disto ele pegou um chicote e começou a chicoteá-la. A mulher, entretanto, fugiu, correndo, recebendo apenas poucas chicotadas. Isto foi uma vergonha para ele que não pode correr atrás dela, pois estava nu. Assim, ele começou a chama-la com sua voz "*bunn´bun*"[17] para completar as chicotadas que ela deveria merecidamente ter recebido.

Este mito circula, é claro, somente naqueles lugares onde *Orò* nunca se materializa como figura mascarada. O motivo é claro: o propósito é mostrar que *Orò* e *Egúngún* são irmãos gêmeos.

F) Reexistência parcial

[17] Nota do tradutor. Som emitido pela bramadeira (*Isé Orò*) ao ser agitada no ar (ver imagens).

É quase certo que não existe crença em reencarnação no sentido clássico entre os Iorubas, isto é, no sentido que reencarnação é "a passagem da alma de um corpo para outro", e que a boa sorte da alma em cada existência dependerá do seu comportamento na existência anterior.[18] Quando os Iorubas dizem *àtúnwá* (aquele que volta a existir) na realidade não parece ser nada igual a isto.

A crença dos Iorubas sobre aqueles que partiram deste mundo é que, uma vez que eles entraram na "outra vida", ali permanecem. Os vivos, e seus descendentes podem manter uma inquebrável relação com eles, especialmente se eles foram boas pessoas na Terra, e morreram naturalmente.

[18] *Encyclopedia of Religion and Ethics,* vol. 12, p. 425. (p. 194)

Todavia, podemos ser confrontados com o paradoxo da crença dos Iorubas que um ancestral "reexistiu" em seu neto, ou bisneto, e que faremos algumas considerações:

1º. Os Iorubas dizem que, ainda que o ancestral esteja reexistindo, ele continua a existir no "outro mundo", com todas as suas qualidades ancestrais, é cultuado, e todos aqueles que estão vivos podem comunicar-se com ele.

2º. Os Iorubas dizem que ele pode reexistir não apenas em "um" neto ou bisneto, mas em "vários" ao mesmo tempo, que são irmãos, primos, tios e sobrinhos, ao infinito, e apesar de todos estes renascimentos, o morto permanece completamente em sua vida no "outro mundo".

Na tentativa de obtermos alguma luz sobre este paradoxo, nos ajudará primeiro examinar o processo pelo qual um ancestral "reexistido" é identificado.

Quando uma criança está com três dias de nascido, o oráculo é consultado. Este rito é conhecido como "*Mímo Orí Omo*" (conhecendo a cabeça da criança) ou, *Gbígbó Orí Omo* (ouvindo a cabeça da criança), de forma que é o oráculo que declara qual ancestral está "reexistindo". Agora, isto é significativo: este rito tem a finalidade de saber qual ancestral está "reexistindo".[19]

---

[19] Nota do tradutor. Chief Awodele Ifayemi chama este ato de "*Imori*". Ver: https://luizlmarins.files.wordpress.com/2016/08/chief-awodele-ifayemi-diz.pdf

A reexistência de um ancestral é conhecida como *Yíya Omo* "voltar a ser criança" ou, "voltar a ser encarnado". [20]

É tido como bom presságio de grandes bênçãos quando os pedidos da família que acompanhou o enterro são: "*A yá l'ówó re o* (Possa ele vir a ser seu filho); *Aya'mo fun o o* (Possa ele vir como filho para você). Há também a prece *Awõya a kún orí eni o* (Possa seu retorno ser como um filho que enche a esteira, isto é, cheio de prosperidade).

Ao que parece, então, temos aqui uma clara crença que o *orí* dos ancestrais transmigram para o corpo da nova criação. Nós estamos desconcertados, pois, de acordo com este sistema, nenhum descendente poder ter o

[20] Geoffrey Parrinder (1951, p. 123) traduz *Yiyà* como "bater uma foto" no seu *West African Psychology*. (p. 195)

monopólio do *orí* ancestral. Neste caso temos que escolher entre a impossibilidade de transmigração do *orí*; e a possibilidade de que *orí* pode "distribuir-se" infinitamente. Nenhuma destas alternativas parece levar-nos a algum lugar.

Assim, *Mímo̱ Orí* ou *Gbígbó̱ Orí* e *Yíya O̱mo̱* não podem ser tomados como determinantes na crença da reexistência, tecnicamente falando. Tudo que eles parecem estabelecer é a crença que existem características de uma linhagem dominante que se preserva através dos nascimentos, assegurando a continuidade da existência vital de uma família ou clã. Esta visão é embasada pelo fato que, não é desconhecido entre os iorubas uma criança que o oráculo tenha dito, que ele é reexistência de alguém que está vivo: tal pessoa é conhecida como *afaìkúyà* (aquele que voltou a ser sem morrer).

Depois que tudo isto foi dito, temos que admitir, em conclusão, que existem muitas coisas sobre nós mesmos que ainda não sabemos. Precisa ser dito sobre este assunto que existem possibilidades que vão além da nossa compreensão. Interessante é a hipótese de F. W. H. Myers sobre "eu subliminar" a qual modifica e sugeri a ideia "que há mais vida em nossa alma total do que sabemos", e que "alguma outra parte de nós mesmos pode reexistir".[21]

Os nomes *Babátúndé* (o pai que retorna) e *Yétúndé* (a mãe que retorna) e outros nomes da mesma categoria que especifica o retorno de um (a) ancestral particular são muito sugestivos. Embora *Gbígbọ́ Orí* e *Yíya Ọmọ* possam incluir muitas pessoas como "parciais reexistências" juntas do

[21] Geoffrey Parrinder, *West African Psychology*, p. 220. Para um esclarecimento do assunto "eu subliminal) ver: *The Religions Consciusness, de J. B. Pratt, New Yor, Macmillan, 1946, p. 46 e ss.* (p. 195).

mesmo ancestral, nenhum destes nomes é repetido em mais de uma criança. *Babátúndé* é o nome de um menino nascido imediatamente após a morte de seu avô, e *Yétúndé* o nome de uma menina nascida imediatamente após a morte de sua avó. Nenhuma outra criança além destes dois poderá ser *Babátúndé* ou *Yétúndé*, ou qualquer outro nome com este significado, em referência para o mesmo (a) ancestral.

Voltando ao ponto desta discussão, o qual não é a resolução de um paradoxo, mas o fato que existe este aparente paradoxo, o qual é um sólido fundamento sobre o qual os Iorubas baseiam sua crença na realidade concreta da vida após a morte.

ONDE É, ESTA VIDA APÓS A MORTE?

De uma forma geral dizem que as variadas opiniões que existem são fracas sobre este assunto. Existem aqueles que acreditam que morrer é somente trocar neste Terra, e o morto continua a existir em outro local afastado de sua origem, começando uma nova vida. Ele pode casar, ter filhos, construir casas, começar negócios levando uma nova existência normal, até que ele, ou morre novamente, ou muda-se porque suas ações foram descobertas por pessoas que o conhecem em sua origem. Estórias sobre isto são muitas entre os Iorubas. É claro que esta crença fala da ação do "fantasma de um morto".[22]

---

[22] Nota do tradutor. Trata-se do conceito Ioruba de *àkúdàáyà*. Ver: Luiz L. Marins. "Àkúdàáyà, o morto vivo na crença Ioruba". In: *Revista Olorun*, n. 44, novembro de 2016 – www.olorun.com.br .

Uma variante desta crença é que somente os maus e aqueles que não completaram seu tempo de vida na Terra, e que, portanto, não podem ser recebidos no céu, que continuam a viver em alguma parte da Terra. Isto explica como a mente do Ioruba pode acomodar a crença, e como *Ajiran*, *Ilè Ifè* e alguns poucos lugares especiais na Iorubalândia arranjam lugares para o morto. Isto particularmente responde a principal questão envolvida na crença dos Iorubas na existência de *Eléréè* ou *Emèrè*, o qual acredita-se ser a causa do fenômeno *àbìíkú*, o qual é uma clara noção de metempsicose[23] dentro da crença dos Iorubas.

[23] Nota do tradutor. Crença na transmigração das almas de um corpo para outro.

A real crença ortodoxa dos Iorubas no assunto da "vida após a morte", entretanto, é que existe um lugar definido além da Terra para onde os mortos vão. O nome geral para este lugar é *òrun*, que tem o significado genérico de céu, paraíso, onde *Olódùmarè* e os *Òrìsà* moram.

Com referência à "vida após a morte", os Iorubas falam em dois *òrun*: o primeiro *òrun* é *òrun rere* (bom), *òrun funfun* (branco) e *òrun Bàbã Eni* (do nossos pais). O segundo é *òrun buburu* (feio), *òrun buruku* (ruim) e *òrun àpãdì* (quebrado). *Òrun* "quebrado" é um depósito de lixo espiritual onde são depositadas as coisas quebradas e estragadas.[24]

[24] A noção de *Òrun Iná* (inferno) não é originalmente, Ioruba. Foi introduzida pelo Islam e pelo Cristianismo. Ver também Parrinder, *Est African Psychology,* pg. 107. (pg. 197).

Os mortos são destinados para um destes dois lugares conforme o julgamento de *Olódùmarè*. Observamos que um dos motivos que fazem de *Olódùmarè* uma realidade para os Iorubas, é o seu julgamento imparcial. Há uma forte convicção que os pecados não ficarão impunes e que o julgamento será completo. Eles dizem sobre uma pessoa que sofre sem solução: *Ìwà ré l'o nf'ìyà jèé* (É o seu caráter que traz sofrimento para ele), ou
Aò mo ohun tí ó ti se tí Olórun nfi egba rè nà a (Nós não sabemos o motivo porque *Olódùmarè* o aflige).

Mas o julgamento que os Iorubas temem mais é aquele que espera cada pessoa, primeiro no fim da vida na Terra, que envolve a agonia da morte, e "depois da morte" quando o veredito final de *Olódùmarè* será conhecido.[25]

[25] Nota do tradutor. Este parece ser mais um conceito cristão do autor, do que a crença dos Iorubas. O temor dos Iorubas na vida pós morte é o julgamento de seus ancestrais, e não de *Olódùmaré*.

Por este motivo, quando o Ioruba pensa no fim, eles pensam duas vezes antes de agirem.

Sobre isso temos aqui duas citações do *odù corpus*:

Ò̱yè̱kú méjì:

K'e̱ni hù'wa gbèdègbèdè,
K'e̱ni lè kú pè̱lè̱pè̱lè̱
K'o̱mo̱ eni lè n'o̱wó̱ gbo̱gbo̱gbo̱
Le'ni sin

Que possamos ter um caráter de colaboração,
Que possamos morrer gentilmente,

Que nossos filhos possam nos estender as mãos,
Sobre nós no funeral.

Quando a pessoa chega na "vida após a morte", ali ele encontra o julgamento final. Ele tem agora que dar contas de como ele usou sua vida terrestre, particularmente no que se refere ao seu caráter. O julgamento é diante de *Olódùmarè* ou *Obàtálá*, o que vem a ser a mesma coisa, pois *Obàtálá* é o único que representa *Olódùmarè*. Os Iorubas dizem:

Gbogbo ohun ti a bá se l'aiyé
L'a o kunlè rò l'òrun
A ó ro'jó l'èsè Èdùmarè
A ó ro'jó l'èsè Òbátálá l'òrun

Todos nós que estamos sobre a *ayé*,

Nos ajoelharemos no *òrun*,

Seremos julgados aos pés de *Olódùmarè*

Seremos examinados diante de *Obàtálá*, no *òrun*.

Então, a pessoa terá um lugar no bom òrun, o lugar de nossos pais, ou será enviado para o mau *òrun*, de acordo com o veredito de *Olódùmarè*. Este é o destino final.

Para concluir, consideraremos a qualidade de vida na "vida depois da morte". Geralmente, o Ioruba pensa que o homem mau sofre indefinidamente e miseravelmente neste *òrun* ruim. A vida ali é triste parecida com os piores lugares da terra. Durante as palavras finais de despedida do morto, os Iorubas dizem:

Má mà j'òkùn

Má mà j'ekòlòó

Ohun ti nwon nje l'òrun

Ni kí o mã bá won je

Tenha certeza que não se alimentará de centopeias,

Tenha certeza que não se alimentará de vermes,

O que as pessoas comem no *òrun*

É isto que deverá comer.

Isto significa que ele deverá ir para o bom *òrun* onde os *ara-òrun* se alimentam de coisas boas, e não para o *òrun* ruim. Em resposta alguém poderá dizer:

Má j'ọ̀kùn

Má j'ekòlòó

Ilé ayé ni'ti'ba ni'lọ

Não comer centopeias (depois da morte),

Não comer vermes (depois da morte),

Isto depende do caráter da pessoa enquanto vivo no mundo.

No geral, entretanto, a ideia dos Iorubas sobre a "vida após a morte" se define sempre pelo total de coisas boas, indo os mortos quase sempre para o bom *ọ̀run*. Assim que eles passam o portão do outro mundo, todos os seus parentes que foram antes deles vem para encontra-los dando-lhes as boas-vindas. Se uma pessoa foi boa, feliz e próspera, sua "vida após a morte" também será uma cópia aumentada do que foi na terra. De fato, a vida no

o̱run é maior e mais livre, sem os aborrecimentos terrestres. Para os Iorubas, o grande benefício de ir para o *ò̱run* é encontrar seus parentes e amigos que foram antes dele.

Ò̱run Bábàá E̱ni é, entretanto, o lugar onde ele pode descansar e gozar da companhia de seus parentes como recompensa pela sua bondade na terra. Isto é certamente algo que conforta alguém que está no fim da vida. Com esta crença, o Ioruba que só fez o bem pode encarar a expectativa da "vida após a morte" com tranquilidade, sabendo que no *ò̱run* é o lugar onde continuará vivendo com "os seus", pois estará "de volta para casa".

Ikú pa Abíri, Abírí kú,
E̱ ni kò si nkan;
Ikú pa Abìrìí, Abìrìí r'ò̱run

E ni kò si nkan;

Ibití Ikú ti pa Ògíní

Lái eiye'ò de bè je

E sì tún nwipé kò si nkan!

Nwon ni:

"Kò si nkan"

"Se Awo kì'kú"

"Awo kì'rùn"

"Nse l'awo mã nlo si Ìtunlà"

"Ìtunlà, ilé awo. "

Ikú matou *Abírí*, *Abírí* morreu,

Vocês dizem que não há nada errado.

Ikú matou *Abírí*, *Abìrìí* foi para o *òrun*,

Vocês dizem que não há nada errado.

O lugar onde *Ikú* matou *Ògíní*,

Os pássaros nunca mais voltaram ali para se alimentarem.

Vocês ainda dizem que não há nada errado!

Eles responderam:

"Não há nada errado".

"O *awo* não morre, "

"O *awo* não vê a corrupção. "

"O *awo* vê somente o *Ìtunlà*, "

"*Ìtunlà* é a casa do *awo*. " [26] [27]

---

[26] *Ìtunlà* – local onde as coisas boas nunca terminam, onde tudo de bom é sempre renovado. Longa vida.

[27] Awo – o iniciado em qualquer sociedade secreta, que detém o segredo da longa vida e da felicidade.

IBOJI – Tumulo da família no quintal



Figura 1 - Iboji, Ijabo 2015. Crédito: Willys Omowale.

EGÚNGÚN – Espirito ancestral materializado visitando os descendentes.



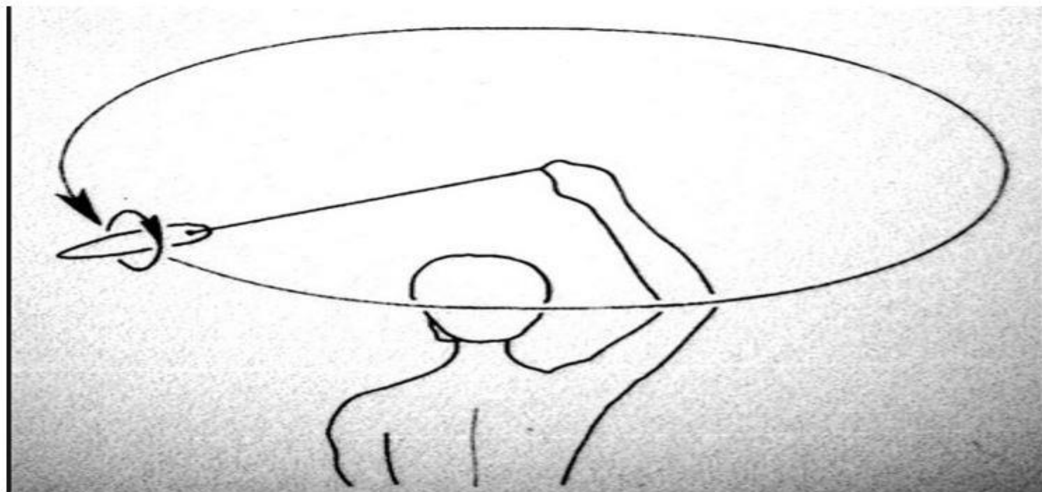
Figura 2 - Egúngún. Local n/s. Crédito Oyotunji.
http://www.oyotunji.org/uploads/8/1/8/0/8180161/1400260509.jpg

I<u>SÉ</u> ORÒ (Instrumento de Orò)



https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/06/Bull_roarers.jpg (Imagem inserida pelo tradutor)

ISÉ ORÒ – Forma de utilizar



https://centralbankofjokes.com/wp-content/uploads/2015/06/Bullroarer.jpg (Imagem inserida pelo tradutor)


AACD
ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA
À CRIANÇA DEFICIENTE

O BATUQUE NO NOSSO SENTIMENTO RELIGIOSO.

Por

Jorge Feijo Cotta

06/09/2016

FACEBOOK

https://www.facebook.com/joufeycotta



06/09: In Memoriam de MÃE ESTER de YEMANJÁ.

Veem-me na lembrança, como se fosse ontem, e lá se vão 40 a cinquenta anos para mais, os preparativos da festa da Mãe Yemanjá. Naquele tempo eram momentos dos mais difíceis, muito sacrifício e correria por parte dos filhos da casa. Sacrifício de todos para realizarem suas obrigações, alguns faziam seu primeiro borido[28] na casa, outros corriam por que iriam terminar suas obrigações se aprontariam[29], e mais alguns que dariam prosseguimento ao processo de continuidade dentro da religião, como chamavam na época.

A casa localizada na Rua Das Camélias (não lembro o nº), no Bairro Bom Jesus. A rua iniciava na rua Protásio Alves bem defronte aonde é hoje o supermercado Gecepel, bem no ponto como era conhecido- Paineiras, e termina na rua Santa Isabel,

[28] Obrigação para Orí, tradição Batuque do R.S.
[29] Iniciação para Orixá tradição Batuque do R.S.

aonde hoje passa o ônibus da carris, linha T1, sentido Ipiranga–Iguatemi. Bem na frente da casa de Mãe Ester, como era conhecida no meio Batuqueiro, terminava a Rua Santa Madalena, que tinha início também na Protásio Alves, cuja a esquina, ali naquele tempo fora a garagem da VAP (Viação Alto Petrópolis), após sendo instalada ali um prédio da CRT. Sua casa, quem vinha pela Rua das Camélias saindo da Protásio ficava à direita.

Entrando no pátio logo na entrada a esquerda entre a casa e o muro estava assentado o Lodê[30]. Após ficava o salão. À direita havia uma gruta com a Imagem da Nossa Senhora dos Navegantes.

Seguindo no sentido aos fundos via-se ao lado da gruta um canteiro com todos os tipos de ervas que se usavam na religião e, ao final deste um pequeno galinheiro e sobre ele um pombal.

[30] Orixá Bara, assentamento comunitário de proteção para a casa e família.

Paralelo a esse canteiro seguia uma escadaria que dava acesso a parte de baixo da casa, descendo por ela à esquerda via-se a porta da cozinha, a parte mais frequentada de toda a casa, tanto em dias de festas como em outros dias.

Na cozinha havia uma mesa grande comprida, pode-se dizer maior do que essas de churrasco que conhecemos hoje. Ali ao fundo, sentada na cabeceira da mesa, fumando o seu charuto costumeiro com seu olhar taciturno, a olhar para a porta a ver quem entrava, costumava ficar a grande Mãe Ester.

Na sua casa chegava qualquer um, a qualquer momento e hora, podia ser quem fosse, não tinha horário, as cozinheiras já sabiam, sim ela tinha cozinheiras da casa, ela já dizia: - põem, mais um prato na mesa a fulana e ou a sicrana chegou (chegaram). Sempre havia um prato, uma comida, de dia ou à noite. E lá vinha aquela sopa quentinha, gostosa e saborosa. Não, não era canja, como podem pensar alguns, era uma sopa de erguer o mais necessitado.

Após a pessoa, ou as pessoas, se recomporem e estarem mais à vontade, ela falava com seu ar e maneira dela própria a largar seu chavão desconcertante, que pegava as pessoas de surpresa: - Já sei o que houve contigo, fez o que te disse, deu dor de barriga é... "Fulano" vai lá no galinheiro e pega aquele frango, que o sicrano trouxe ontem, ele não vai vir mesmo fazer o trabalho, vai lá em cima, no salão apronta tudo e me chama - ... Era mais ou menos assim.

Mas voltando à semana que antecedia a festa, era gente chegando de todos os cantos do RS e alguns da Argentina, vinham de Santa Maria, Rio Pardo, Alegrete, Uruguaiana, enfim. Vinham também aqueles daqui mesmo, os que poucas vezes compareciam até nas quinzenas, apesar de morarem em POA. Como o terreno era grande e comprido, sempre tinha um reservado lá nos fundos, alguns os mais chegados diziam - " tem lugar lá nas taquareiras" - como posso dizer para os de hoje, sim ela tinha muitos filhos que ficavam em sua casa por muito tempo, e por isto mandara construir algumas peças- um "Cortiços", será que os PDS ou MDS de hoje sabem o que é?

Como ela era bem quista até pelos vizinhos, e naquele tempo os terrenos eram grandes, alguns até cediam uma parte para ela colocar ali os bichos- de 4 pés que usaria na festa. Naquele tempo, não como é hoje, as pessoas traziam suas aves no ônibus, nos Bondes da época, não, não havia vergonha em fazer isto, elas vinham muito felizes com suas aves. Eu muitas vezes, comprava meu galinho, minha galinha no Mercado Público lá no Centro, e o levava debaixo do braço, pegava o ônibus Vila Jardim e vinha.

Sempre tinha um menos desavisado, o qual lhe faltava alguma coisa- dinheiro, ou alguma coisa para alguém, e ela como mãe e filha de Yemanjá, sempre provia, amparava, seus filhos. Tira de um a quem não vai faltar, bota para outro e assim tudo sai a contento, não, não havia cara feia e nem este é meu, todos saiam satisfeitos, seu olhar abortava qualquer Resmungo.

Muitas vezes dizia assim: - Não te preocupes meu filho com teu Orixá que ele vai te dar, espera até quinta, os do "azeite" são assim, ou tu só por que és da "praia"[31], achas que ela vai te dar de mão beijada. Vais lá para o salão e espera, pega as tuas coisas, ao menos isto tu trouxeste, teu aparaxó, teu pano de cabeça. Fica aí na porta quando eu fazer oferendas para a tua mãe ou no caso, para o teu pai, tu entras e te ajoelha perto dele, do (a) fulano (a) -.

O que o filho mais humilde se atrevia a responder: - mas mãe eu não -. O que Falava ela: - faz o que tou de dizendo a Mãe de Santo aqui sou eu -.

Enfim chegou quinta–Feira, ou o dia que fosse, o dia 04 de setembro, lá pelas 10 horas da noite, iniciava-se o serão, todos nervosos, ainda estavam chegando os mais atrasados e ela com seu tom, sua voz dizia: - tá tudo pronto, vamos começar, o fulano já lavou os pés desse bicho, o sicrano já chegou. Aí, o serão iniciados, lá se

---

[31] Orixás das águas, que usam mel: Oxum, Iyemanjá e Oxalá.

vão o pessoal do seco[32], seguindo-se o ritual da matança-. É na nossa casa, na casa de minha Mãe de Santo Ester de Yemanjá, era assim, na quinta (o dia 04/09) o pessoal do "seco" ia para o chão, e na sexta (05/09) ia o pessoal da Praia. A festa já se iniciava-se ali, dias 04,05 de setembro.

O salão era grande e aportava todos os presos 10,15 as vezes 20 ou mais pessoas no chão. Naquele tempo, chão era tirado em esteiras.

Chegado o grande dia da Festa dia 06 de setembro, lá pelas 10 horas da noite os convidados já iam chegando, os da casa que não estavam no chão, terminava os trabalhos de cozinha, ou davam os últimos retoques no salão, outros já tinham aprontados os Mercados, e eram de dois tipos, um para o Cabeças Grandes os PDS e MDS- os que eram prontos convidados e outro tipo de Mercado para os soldados Rasos, como eram assim chamados. Era muito visitada em dias de festa, lá estavam:

---

[32] Orixás da terra e do fogo, que usam dendê: Bara, Ogum, Oyá, Xangô, Odé, Otin, Oba, Ossanhe e Xapanã.

Adalberto Pernambuco, Moab Caldas, Pai Idalino do Ogum, Joãozinho do Exu BI, Pai Manoelzinho do Xapanã meu avô de Santo, entre outros.

E entre eles, um jovem rapaz, ainda estudante de Antropologia, que anos mais tarde lançaria um dos mais belos e riquíssimo livro sobre o "BATUQUE NO RIO GRANDE DO SUL". Livro esse que serve de base de estudo e conhecimento para muitos PDS e MDS de hoje em dia. Com dados baseados e coletados em duas casas de batuque: Na casa de Mãe MOÇA DE OXUM e na casa de MÃE ESTER DE YEMANJÁ.

Moço este que com sua humildade e simpatia sem igual soube conquistar a confiança destas duas Mães de Santo a ponto de as próprias Mães de santo, abrirem não só suas portas da casa para ele, mas incondicionalmente as portas de seu Pará (quarto de santos para os mais jovens). Não só elas, a confiança de muitos Paes de Santo e Mães de Santos também, moço este conhecido entre nós como NORTON F. CORREA, notável antropólogo e profundo conhecedor de nossas raízes.

Nós os filhos da Bacia da Mãe Yemanjá e seus netos, estamos de parabéns no dia de hoje (06/09).

Aos mais antigos a minha benção: Mãe Neuza da Oxum, Mãe Iolanda da Yemanjá, Mãe Santinha do Ogum Milayó (minha madrinha de cabeça).

Já a nós, os mais jovens: Isa Ignácio de Ogum, Jairo do Bará, e a Jorge d'Ogum, dentre outros, resta-nos a lembrança daquela época imemorável e por demais contagiante. Pois naquele tempo contávamos 12 a 17 anos. Aos que já não estão mais entre nós: Miguel do Xangô, Maria da Oiá, Marco da Oxum, Ovídia de Oxum, Ademar de Ogum, entre outros. O meu respeito e que o Grande Pai Oxalá os tenha em seu manto.

É ... saudades ... que vem a nossa lembrança como sentimento religioso.

Com muito orgulho.


Casa
HOPE
APOIO À
CRIANÇA COM CÂNCER

Ọlọ́run